

Microcefalia: Corpo (In)formação, Corpo (De)formação¹

Rafael Amorim dos Santos²
Greice Schneider³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O ensaio fotojornalístico “Microcefalia: Corpo (In)formação, Corpo (De)formação” foi construído a partir de um dos temas mais recorrentes nos jornais nos últimos tempos: a microcefalia – doença que, embora não seja recente, jamais teve a proporção alcançada até agora, atingindo bebês por todo o Brasil. Pretendendo-se abordar o dia a dia e os detalhes do contato entre mãe e filho, as fotografias e o texto complementar, ambos produzidos no mês de maio, chamam atenção para o desconhecido terreno que é o futuro dessa geração de crianças com microcefalia. Além disso, o trabalho reforça a sensibilidade do tema, explorando as potencialidades do corpo – enquanto instrumento e linguagem – dentro da prática jornalística, abordando um fato denso como esse de forma poética e biográfica.

PALAVRAS-CHAVE: microcefalia; corpo; fotojornalismo; maio; sensibilidade.

INTRODUÇÃO

Produto da disciplina fotojornalismo, o ensaio fotográfico “Microcefalia: Corpo (in)formação, Corpo (de)formação” tenta explorar as potencialidades visuais do corpo de um bebê com microcefalia e o contato despertado pela interação desse corpo com o de sua mãe, dentro do desconhecido terreno que é o tratamento e o futuro dessa criança.

O desejo de tratar desse assunto que vem sendo, constantemente, manchete em diversos jornais pelo Brasil, partiu da constatação da necessidade de abordar, de maneira sensível, números, dados e gráficos que colocam Sergipe como um estado alvo de pesquisadores, cientistas e jornalistas de todo o país.

Proporcionalmente ao tamanho de sua população, 2,2 milhões de pessoas, o menor estado da federação tem um dos maiores números de casos notificados como microcefalia, 209.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série).

² Aluno responsável pelo trabalho, estudante do 4º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Email: rafaelamorimc@gmail.com

³ Professora orientadora do trabalho, responsável pela disciplina Fotojornalismo. Email: greices@gmail.com

Até o mês de maio, 31 desses casos foram confirmados, 17 descartados e 161 continuam em investigação, segundo o Ministério da Saúde.

Para analisar esses dados é preciso lembrar que, apesar do número de casos confirmados em Sergipe não ser maior do que em outros estados, o tamanho de sua população, em relação aos demais, é menor, o que faz com que a quantidade de casos confirmados, quando associados às proporções territoriais e populacionais, se torne um dado preocupante.

Diante dessas informações e da frequência com que o assunto é notificado na mídia, retomá-lo de forma sensível, trazendo a história de uma mãe como cenário para discussão, não só permite uma imersão maior no tema a partir da vivência de certos personagens, como também viabiliza a construção de uma narrativa mais humanizada, fugindo das interpretações gerais e essencialmente numéricas que são constantemente divulgadas, sem cair na mesmice de abordar o sofrimento do outro, através da fotografia, como um espetáculo para um público sedento pelo choque e não pela história narrada.

Falar do outro, retratar o outro, no entanto, parece ter perdido sua legitimidade. As acusações a esse gênero de fotografias vão desde uma crítica à estetização (uma foto bela desvia a atenção do tema consternador e a dirige para o próprio veículo) até a manipulação ideológica, o paternalismo e o interesse por parte do fotógrafo. O que acontece com os retratos de sofrimento hoje? Parece haver uma mudança no modo como a dor pode entrar no espaço público. (SÁ-CARVALHO E LISSOVSKI, 2008, p. 78)

Além de enxergar a relevância social desse tema e o cuidado imprescindível ao transformá-lo em conteúdo midiático, é possível notar a poética que existe em fotografar um corpo em desenvolvimento. Poética que parte do desafio de capturar imagens de uma criança com más formações físicas de tal modo que seu corpo não seja visto com estranheza, se tornando, assim, uma atração pela estética desconhecida – motivo que é foco de diversas publicações. Mostrar sem expor tornou-se, nesse trabalho, um método durante a apuração e, conseqüentemente, um critério posterior de seleção.

O desafio de tratar o drama e o sofrimento de pessoas através do trabalho fotojornalístico sem invadi-los, preservando as identidades e as particularidades de cada um, vai de encontro a uma tendência de individualizar os personagens retratados na fotografia. Essa atitude contrária se fundamenta nas histórias levantadas por esses personagens – aqui, mais importantes do que suas identificações, vistas como parte de suas identidades.

Os sofrimentos foram tornados visíveis e apareceram para um público indistinto. No entanto, se o próprio projeto da fotografia moderna parecia inventariar as realidades, neste percurso, os sofredores eram identificados para um discurso de saber sobre o corpo social, que precisava ser reconhecido, localizado, identificado, classificado, ordenado. (...) Olhar o sofrimento do outro participava, então, como elemento de um discurso pedagógico sobre este outro. (BIONDI, 2011, p. 93)

Esse ensaio fotográfico traz os detalhes entre a relação de uma mãe e sua filha, dentro de um cenário nublado gerado pela desinformação, ainda recorrente quando se trata da microcefalia e de seus impactos na vida dessa geração em formação. “Microcefalia: Corpo (In)formação, Corpo (De)formação” é uma narrativa jornalística e biográfica sobre o desafio de uma mãe em compreender o terreno desconhecido que é o futuro de sua filha.

OBJETIVO

Tendo como pano de fundo a microcefalia e os recentes dados levantados no estado de Sergipe, o objetivo principal desse ensaio é trazer à luz personagens que ilustrem, a partir de suas vivências, os desafios que existem no tratamento de crianças com microcefalia e na adaptação dessas mesmas crianças em um mundo onde pouco se sabe sobre seu futuro.

Apesar das constantes campanhas realizadas pelo governo; da mobilização constante dos órgãos públicos para conscientizar e prestar auxílios aos bebês com microcefalia e suas famílias; e da massiva exposição do tema na mídia, ainda pouco se conhece sobre essas pessoas, personagens de um drama nacional que estão mais perto do que o esperado – fato evidenciado pela quantidade de suspeitas e comprovações de microcefalia no estado.

Encontrar essas mulheres e crianças, entretanto, é um desafio regular dentro do jornalismo e, mais especificamente, do fotojornalismo. O preconceito e os estigmas reforçados pela aparência dos bebês faz com que muitas mães se recusem a dar entrevistas e, principalmente, ser fotografadas para matérias e ensaios.

Esse ensaio fotográfico pretende expor a relação de uma mãe e sua filha com microcefalia – que é, antes de tudo, uma relação de afeto como qualquer outra, o que também evidencia outro objetivo desse trabalho: mostrar a naturalidade do dia a dia dessa mãe que, apesar de organizar sua rotina de forma diferente das outras, ainda realiza as mesmas atividades de qualquer uma.

Em contraponto, o desafio de ser mãe de uma criança que apresenta características físicas que comprometem seu desenvolvimento traz ao debate questões importantes. Quem são essas mulheres? Do que elas abriram mão para se dedicar aos seus filhos? Qual o futuro dessas pessoas?

A narrativa construída, seja pela fotografia ou pelo texto complementar, retoma a importância de analisar a situação de maneira panorâmica. Assim, o objetivo é fazer refletir sobre uma história individual que, em determinado momento, torna-se uma história compartilhada por diversas mulheres no país, dadas as semelhanças encontradas no processo de apuração realizado para conclusão dessa produção.

JUSTIFICATIVA

Realizar esse trabalho se torna relevante, dentro do que já foi produzido acerca do mesmo assunto, na medida em que ele traz novos elementos em sua construção narrativa. Elementos esses que se misturam entre informações biográficas e pessoais; dados numéricos e qualitativos que caracterizam a vida dessas pessoas; descrições íntimas e observações, feitas a partir do acompanhamento da rotina de uma mãe e sua filha com microcefalia.

Enquanto material jornalístico, a necessidade de comprovar sua relevância está na natureza das informações que ele traz, seja pelo depoimento de uma mãe que está vivenciando esse drama no momento, seja pelas imagens que evidenciam o contato direto entre essa mulher e sua filha dentro de seu contexto familiar.

Fazer uma abordagem sensível desse tema, comumente retomado pela mídia de diversas formas, permite uma interpretação mais descritiva do caso, trazendo as percepções de seus próprios personagens à narrativa, muitas vezes tratados de maneira genérica. Além disso, o trabalho se dispõe a questionar a natureza da prática jornalística e sua importância social na medida em que dialoga com questões atuais e políticas acerca do assunto.

Conhecer a história apresentada é ponte para conhecer as dificuldades particulares identificadas no decorrer dela, questionando o tipo de assistência prestada pelo governo e órgãos públicos aos bebês com microcefalia e não só a eles, como também às mães que

reestruturam suas vidas e rotinas, necessitando de auxílio psicológico, material e financeiro, imprescindíveis diante dos altos custos que as famílias gastam no tratamento.

É a partir dessas informações que se pode extrair, dentro de um caso específico, situações que atingem mulheres em diferentes locais e, sob certas perspectivas, coloca essas mesmas mulheres em contextos similares.

Como um caso específico pode reconstruir uma realidade geral? Como essa realidade geral permite ser desmembrada em casos específicos, extremamente particulares? Essa dualidade é outra característica reforçada dentro do trabalho. Demonstrar a história de uma mãe e sua filha, encontrando nela pontos que a una com outras histórias, não anula o fato de que todo caso é diferente.

Isso traz para a prática jornalística o cuidado ao apurar um assunto complexo como esse e estimula os profissionais da área a abordar esse tema com a sensibilidade necessária para apresentar essas histórias individuais, sem cair na mesmice de generalizá-las – mesmo quando elas apresentam semelhanças.

Incitar esse debate a partir desse trabalho jornalístico reforça a importância de conhecer de perto essas crianças e suas mães, compreendendo suas rotinas ao ponto de enxergar nelas as dificuldades e os desafios diários – questões que podem ser convertidas em políticas e projetos públicos. Além disso, retoma-se o caráter social do jornalismo enquanto mecanismo de transformação na sociedade, mesmo naquela que ainda vai ser formada.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para produzir o conteúdo foi preciso acompanhar, durante um dia, a rotina de Hellen Tavares, 18 anos, que descobriu aos 7 meses de gestação que sua filha tinha microcefalia. O drama vivenciado desde então foi contado durante uma entrevista que foi, posteriormente, transcrita e utilizada no decorrer da apresentação do ensaio, na plataforma *Adobe Spark Page* – página diagramada específica para o trabalho em questão.

O diagnóstico de microcefalia, as mudanças na vida da mulher, o abandono paterno, as dificuldades financeiras e as perspectivas de futuro construíram a narrativa evidenciada nas fotografias que, ligada ao texto complementar, caracterizam a vida daquela mãe e de sua filha, Laisa Vitória, de 7 meses. Esse drama coloca em ênfase a história de uma mãe e traz

para a narrativa, elementos biográficos que, na proposta do trabalho, inserem sentido à produção.

"Laisa Vitória... Laisa porque eu acho lindo esse nome. Vitória porque se ela nascesse assim e continuasse aqui... eu trataria dessa forma, como uma vitória" conta Hellen, emocionada. Depois de ter sido infectada pelo zika vírus, aos 3 meses da gestação, o risco de que seu bebê nascesse com microcefalia aumentou, aos 7 meses da gestação, quando ela perdeu líquido o suficiente para que os ultrassons comprovassem uma considerável mudança no corpo do feto.

A imagem da mãe que sofre tem uma força particular. Diferentemente de outras imagens de dor, em nossa cultura, ela não precisa ser justificada, diante de seu sofrimento não nos questionamos a respeito de sua realidade ou merecimento. Isso se deve em parte à própria relação que ela mantém com a história da arte. A representação do sofrimento materno é impregnada de um sentido que remete a uma série de outras imagens de mães que povoam nosso imaginário. (SÁ-CARVALHO E LISSOVSKI, 2008, p. 79)

As fotografias foram feitas na casa de parentes da jovem e pela limitação de espaços ao qual se teve acesso, as fotos evidenciam a tentativa de explorar diversos ângulos e enquadramentos das mesmas posições, nos mesmos locais e com fontes de luz similares, embora sejam feitas em momentos distintos.

No momento de execução desse trabalho foi preciso de muito cuidado para não expor as personagens e apresentá-las de forma invasiva, evitando assim, uma demonstração literal do tema abordado. Essa decisão parte de um processo de construção que pretende mostrar e esconder ao mesmo tempo – evidente nas fotografias.

Esse processo foi guiado a partir do cuidado em abordar aquela história de maneira criteriosa, compreendendo a delicadeza dos assuntos discutidos e a falta de referências jornalísticas – no que se refere a um acervo de matérias específicas sobre microcefalia, tendo em vista a recente produção das mesmas – que direcionasse novas reportagens.

A consciência do sofrimento que se acumula (...) é algo construtivo. Sobre tudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode e é compartilhado por muita gente, e depois desaparece de vista. Ao contrário de um relato escrito – que, conforme sua complexidade de pensamento, de referências e de vocabulário, é oferecido a um número maior ou menor de leitores – uma foto só tem uma língua e se destina potencialmente a todos. (SONTAG, 2003, p. 21)

As fotografias veiculadas nas mídias tradicionais trazem retratos e enquadramentos que identificam pessoas que, muitas vezes, não se sentem à vontade diante daquele tipo de abordagem mais direta – fator resultante para a resistência de muitas mães em ceder entrevistas ou aceitar posar para as câmeras.

Quando questionada sobre o desafio de falar com os jornalistas e a mídia local, Hellen relembra o processo pelo qual passou para ceder uma entrevista. “Hoje eu sou mais forte do que ontem. Antigamente se eu precisasse falar com você, como agora, eu não aguentava. Eu saía, não fazia nenhuma entrevista. Se eu voltasse no tempo, eu faria diferente”, conclui.

Essa exposição e utilização da imagem de forma invasiva compromete a qualidade do trabalho na medida em que não respeita as individualidades e receios das fontes utilizadas. Nessa produção, a prioridade (mostrada na captação, entrevista e edição das imagens, por exemplo) são as pessoas – fator determinante na construção de um conteúdo humanizado.

Contar essa história através das imagens não é, necessariamente, entregar todos os elementos visuais que a compõe de forma nítida, clara ou objetiva. Pelo contrário, a narrativa é remontada através de fotografias que permitem interpretações (seja pelas variações de luz, enquadramentos ou ângulos), feitas tanto pelo que se mostra nas imagens, como também pelo que se esconde nelas.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para obtenção das fotografias foi utilizada uma câmera profissional Canon T5i, lente 18-55mm. As fotografias foram tiradas em dois ambientes com fontes de luz distintas, uma natural, outra artificial (lâmpada incandescente).

No primeiro, a claridade proporcionada pela iluminação natural e direta permitiu a utilização de uma velocidade maior, auxiliando na captura da cena congelada, além de utilizar uma menor abertura do diafragma, possibilitando uma maior profundidade de campo (fotografias 3, 5 e 8). Na fotografia de capa (fotografia 1), entretanto, foi utilizada uma menor velocidade com o intuito de transmitir a ideia de movimento, instabilidade e incerteza, permitindo uma leitura mais poética – diferente das demais fotos, mais focadas e nítidas, e por esse motivo foi escolhida para introduzir o ensaio.

No segundo, por se tratar de um ambiente mais fechado e escuro, foi preciso utilizar um ISO maior. A possibilidade de utilizar flash foi descartada pelo risco do impacto da luz na visão do bebê fotografado. Apesar disso, foi utilizado técnicas de contra-luz para aproveitar a luz que entrava pela janela, proporcionando fotografias mais intimistas e que preservassem a identidade dos personagens (fotografias 2 e 12).

Após a captura das imagens, foi feito um tratamento em preto e branco na edição das fotos, reforçado pela utilização de um maior realce e uma maior claridade. A escolha por esse tipo de tratamento reflete uma intenção de contrastar as cores, deslocando o momento de captura do tempo-espaço em que foi realizado, além de atribuir sensibilidade e profundidade às fotografias.

Depois de editadas, as fotos foram armazenadas e diagramadas na plataforma *Adobe Spark* (disponível no link: <https://slate.adobe.com/cp/iBafL/>). A opção por disponibilizar o resultado final nessa plataforma surge da necessidade de inserir ritmo ao trabalho – seja pela leitura pausada e distribuída no decorrer da página, seja pela maior liberdade de diagramação das fotografias, explorada em diferentes formatos e aparências.

Além de permitir uma melhor organização das informações (imagens e texto), a página também permite a interação do trabalho com os diferentes grupos e públicos, inclusive nas redes sociais. Dessa forma, embora as fotografias estejam anexas a esse documento, o produto final pode ser visualizado de maneira mais dinâmica e com uma diagramação mais jornalística, dentro da proposta apresentada aqui, a partir da página apontada anteriormente e exemplificada na seguinte captura de tela.



1 Captura da capa do ensaio na plataforma Adobe Spark Page

CONSIDERAÇÕES

O ensaio fotográfico “Microcefalia: Corpo (in)formação, Corpo (de)formação” é o resultado do esforço em compreender a relação existente entre uma mãe e sua filha, dentro do nublado cenário que é o futuro das crianças com microcefalia. Produzir esse conteúdo permitiu a experimentação da prática jornalística sob uma visão mais íntima, reforçando a necessidade de tratar com sensibilidade os fatos e as pessoas que se configuram em personagens e histórias, dentro das narrativas construídas pelo jornalismo.

Nos últimos minutos de entrevista, Hellen não deixava de pensar no futuro, não só no de Laisa Vitória, como também no seu. Ela quer fazer direito, ser juíza, provar para aqueles que acreditam que ela não vai chegar a lugar algum que seu caminho é longo. É no presente, entretanto, que a mulher que precisou amadurecer aos 18 anos conclui aquilo que torna sua filha uma criança como qualquer outra. "O amor cura... o amor... cura!", enfatiza.

Esse trabalho tenta contextualizar, a partir das fotografias e do texto construído, a recente e ainda em desenvolvimento área de estudos sobre a microcefalia, dentro de um cenário que ainda pode piorar. Segundo Rodrigo Stabeli, vice-presidente de Pesquisa e Laboratório de Referência da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a estimativa é que o número de crianças com microcefalia chegue a 16 mil casos, ainda esse ano.

As incertezas desse ambiente não trazem apenas implicações para a ciência e seus dilemas, como também e principalmente, para as diversas mulheres e crianças que, às cegas, esperam um futuro indeterminado em um presente em que, embora se discuta bastante o tema, pouco se sabe sobre as implicações dele para as próximas gerações.

Em apenas 15 minutos de entrevista, Hellen já havia recorrido a fé, no mínimo, cinco vezes. “Eles não sabem dizer, é uma coisa nova...” comenta sobre a falta de informações e previsões dos médicos sobre o desenvolvimento de bebês com microcefalia. Deus é, para ela, a fonte que permite que sua filha continue bem, o motivo para isso. Laisa é esperta, curiosa, apegada – nas palavras da própria mãe –, uma dádiva que, dentro do contexto de desinformação, tornou-se divina.

“Microcefalia: Corpo (In)formação, Corpo (De)formação” é a síntese desse futuro instável, construído nesse presente conflituoso da história de uma mãe e sua filha – uma história comum e, ainda assim, diferente de todas as outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SÁ-CARVALHO, Carolina; LISSOVSKY, Maurício. **Fotografia e representação do sofrimento**. Revista Galáxia. São Paulo. Vol. 8, n.15, 2008.

BIONDI, Angie. **O sofrimento como exemplo no fotojornalismo: notas sobre os limites de uma identidade**. SBP – Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2008.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

Portal Brasil – Ministério da Saúde <<http://www.brasil.gov.br/saude/2016/05/ministerio-da-saude-confirma-1-326-casos-de-microcefalia>>

Estadão – Reportagem Especial <<http://ciencia.estadao.com.br/blogs/herton-escobar/zika-e-microcefalia-o-misterio-de-sergipe/>>

Exame.com – Entrevista Fiocruz <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/casos-de-microcefalia-chegam-a-3-893-fiocruz-preve-16-mil-neste-ano>>